

ANGOLA

CULTURA ESTRATÉGICA E ESTUDOS ESTRATÉGICOS

Miguel Júnior*

Este artigo sobre cultura estratégica e estudos estratégicos visa valorizar as questões levantadas pelo Professor Doutor Luís Kandjimbo no seu texto, “Para Uma Cultura Estratégica Angolana”, publicado no Jornal de Angola do dia 25 de Julho de 2021.

Antes de avançar para as reflexões essenciais, agradeço, em primeiro lugar, o ensaísta e crítico literário Luís Kandjimbo pelas considerações produzidas a respeito do meu livro - “Génese do Pensamento Estratégico Angolano”. Em segundo lugar, elogio a sua incursão descritiva e analítica e o facto de demonstrar que possui conhecimentos sobre os assuntos estratégicos. Tanto mais que ele fez duas interpelações oportunas por força das ideias contidas no livro - “Génese do Pensamento Estratégico Angolano”. Perante as duas questões (cultura estratégica e estudos estratégicos) por ele colocadas, resta-me somente solidarizar-me com a sua visão prospectiva e expressar o meu entendimento sobre essas temáticas no contexto da vida nacional.

Em boa verdade, fica difícil abordar assuntos de índole estratégica sem cultura estratégica. Também é impossível efectuar análises estratégicas credíveis sem estudos estratégicos. A cultura estratégica e os estudos estratégicos são indispensáveis no contexto da vida nacional porque eles robustecem a vida de um Estado. Neste âmbito, nós estamos no começo e é demasiado cedo para falarmos sobre a história do pensamento estratégico angolano. Mas já podemos falar sobre a sua génese. Esta já é conhecida. Neste sentido, o ensaísta Luís Kandjimbo captou muito bem a mensagem contida no livro - “Génese do Pensamento Estratégico Angolano” e mencionou a importância de se valorizar a cultura estratégica e os estudos estratégicos.

De resto, a grandeza do Estado tem de ver também com a sua cultura estratégica e com a valorização dos estudos estratégicos nos níveis nacional, continental e internacional. O crescimento e o desenvolvimento nacionais dependem da organização do Estado e da sua cultura estratégica. A grandeza da nação, a

segurança, a defesa, a riqueza nacional, a salvaguarda dos interesses nacionais e da herança histórica dependem grandemente da visão e da cultura estratégica nacional.

Nesta senda, primeiro, interessa compreender a cultura de Estado e os seus vínculos com a cultura estratégica. Segundo, há que ver os elementos estruturantes da cultura estratégica, atendendo que só se pode reflectir com elevação estratégica mediante a existência de uma cultura estratégica. Terceiro, há que identificar o valor dos estudos estratégicos e assuntos afins no contexto da vida nacional, quer para ampliar e fortalecer a cultura estratégica nacional, quer para auxiliar a tomada de decisões político-estratégicas de Estado. Deste modo, vamos avançar para o primeiro ponto.

Estado Moderno e a Cultura Estratégica

O Estado moderno surgiu num determinado período histórico e com ele despontaram as noções de soberania e de organização política. O Estado moderno ganhou outra amplitude devido aos desenvolvimentos subsequentes derivados de algumas guerras, entendimentos de paz e normas que se fixaram para as relações inter-estatais. Com as revoluções de cariz liberal, o Estado moderno ganhou outro fôlego. Com o avanço da corrente marxista, novas perspectivas se esboçaram em torno do Estado moderno. Da Segunda Guerra Mundial até à actualidade, novas dinâmicas surgiram no âmbito do Estado moderno. Quer dizer, estamos perante a evolução histórica e natural do Estado moderno, consubstanciada em várias formas de organização. Em suma, o Estado moderno evoluiu e isto deu lugar às culturas de Estado. Significa dizer que há diversos modelos de organização e funcionamento, bem como inúmeras culturas de Estado.

Os Estados modernos evoluíram por força dos desafios internos, externos e das conjunturas nacionais e internacionais. Por isso, os Estados modernos e soberanos viram-se obrigados a transformar e a consolidar a cultura de Estado, partindo do manancial de conhecimentos filosóficos, políticos, diplomáticos e de defesa e segurança acumulados ao longo dos tempos históricos. De facto, as diferentes reformas contribuíram para o avanço e o fortalecimento do Estado moderno, bem como para a diversificação das culturais de Estado. Nessas circunstâncias o Estado moderno evoluiu e a cultura estratégica converteu-se em parte integrante da cultura de Estado.

Assim, a estratégia é inquestionavelmente uma componente da cultura do Estado. A estratégia nacional encontra-se vinculada em absoluto ao Estado soberano. Logo fica difícil operar um discurso de dimensão, alcance e abrangência estratégica sem o Estado. É assim que os Estados mais antigos valorizam sobremaneira a estratégia. Por isso há inúmeras culturas estratégicas e todas são o produto do código genético desses povos, das suas culturas seculares, interesses, histórias e aspirações nacionais e mundiais. Mas também há Estados, onde fica difícil falar sobre estratégia. Nesses Estados, a estratégia é impalpável e nem sequer eles se esforçam para reverter a situação. Nessa lista constam alguns Estados exíguos e periféricos. Quanto aos Estados decadentes e desintegrados, o quadro é calamitoso.

Outra questão que se levanta tem que ver com o facto de que é impossível operar um discurso de nível estratégico quando não há cultura de Estado no seio de uma unidade política. É impensável operar numa base estratégica quando as instituições de Estado são débeis e facilmente manipuláveis. A existência de instituições fortes é uma marca e uma exigência do desenvolvimento nacional. Possuir instituições robustas fortalece o Estado e ajuda a catapultar para os níveis de âmbito estratégico. Investir nos homens e propiciar conhecimentos de Estado e de estratégia contribui para o estabelecimento de uma cultura estratégica no seio do Estado e das elites.

Do ponto de vista de cultura estratégica, é preciso reter que o Estado tem de desenvolver ideais que lhe permita evoluir até ao nível de uma visão de estratégia nacional pensada e estruturada à luz dos saberes nacionais e estratégicos. Avancemos, entretanto, para o segundo ponto.

Elementos Estruturantes da Cultura Estratégica

A cultura estratégica nacional resulta, como regra, das aspirações e dos interesses, bem como dos princípios e valores nacionais. A cultura estratégica de Estado tem de ser equilibrada e assente no equilíbrio entre as tradições nacionais e tudo aquilo que permita a nação avançar. O equilíbrio entre a identidade nacional e o progresso tem de ser observado. Aliás, a cultura estratégica nacional tem de preservar a identidade e facilitar o movimento rumo ao desenvolvimento. A cultura estratégica nacional tem de considerar que no espaço angolano habitam povos oriundos dos antigos reinos africanos que resistiram ao colonialismo e fizeram a luta anti-colonial em comum. Também tem de considerar que a nossa identidade é

composta por negros, brancos e mestiços, que juntos lutaram contra o colonialismo e as invasões externas. Por isso, eis a afirmação de um cidadão angolano: “Os negros, brancos e mestiços de Angola constituem, todos juntos, uma força poderosa (comissário político Povo em Luta)”.

A cultura estratégica nacional tem de ter em conta que, apesar de todas as vicissitudes da guerra interna, nunca tivemos conflitos étnicos como em outras paragens e jamais teremos. O Estado angolano foi capaz de manter a unidade nacional durante o período da guerra interna, além de que a guerra nacional contribuiu sobremaneira para o reforço da unidade nacional. Tentaram dividir-nos, mas não conseguiram.

A cultura estratégica angolana tem de absorver a ideia de que no conjunto dos povos que habitam Angola a maioria são de origem bantu. A cultura e a cosmovisão bantu possuem traços específicos, mas também há valores e referências culturais ocidentais. Em suma, esses são os dois componentes que devem enformar a filosofia e a cultura do Estado angolano. Para além disso, temos há bastante as nossas matrizes religiosas bem identificadas. A fé e a espiritualidade ganharam outra dimensão e tem importância no contexto da cultura estratégica nacional.

A cultura estratégica angolana tem de ser capaz de valorizar as matérias da defesa e segurança. Nestes domínios temos de evitar vazios de segurança. A segurança e defesa têm de ser articulados de forma harmoniosa com as questões do crescimento e desenvolvimento nacionais. Assim será possível criar um Estado de bem-estar e bem-comum, representando assim um grande contributo à segurança nacional.

A cultura estratégica angolana tem de considerar que o Estado nasceu da guerra e enfrentou os seguintes tipos de guerra: guerra de intervenção (1975-1976); guerra nacional (1976-1989); guerra interna (1976-1991) e guerra subversiva (1992-2002). Logo, é inaceitável que se coloque tudo no contexto de uma guerra civil, quando há várias categorizações e entendimentos sobre as guerras. A cultura estratégica angolana tem de ser capaz de absorver a ideia de que, no contexto da guerra nacional, nós não fizemos nenhuma guerra “por procuração” (proxy-war). Aliás, já expressei publicamente o meu ponto de vista sobre o assunto. Eis o excerto: «Analisando os aspectos da guerra da África Austral, o conceito da «guerra por

procuração» não se encaixa neste conflito armado. De resto, os Estados actores e protagonistas da guerra (África do Sul, Angola e Cuba) agiram conscientemente e na plenitude das suas faculdades.

Agiram de acordo com os seus objectivos políticos e as suas estratégias nacionais. Quando a guerra deflagrou, os três Estados formularam estratégias militares para fazer a guerra. Cada Estado nacional arregimentou forças e meios, bem como colocou a economia nacional ao serviço da guerra.

Os Estados disponibilizaram montantes elevados dos seus orçamentos nacionais para suportar a guerra, bem como os seus orçamentos militares cresceram imenso em função dos desafios militares. A União Soviética prestava assistência militar e as despesas constavam da dívida geral de Angola. Este país endividou-se sobremaneira e pagou as dívidas contraídas.

A África do Sul suportou as suas despesas da guerra à luz da sua perspectiva de segurança nacional. Cuba teve dispensas elevadas, mas outras teriam sido pagas por Angola. Se essa guerra tivesse sido por procuração, os mentores das procurações teriam suportado todos os encargos decorrentes da guerra. E não foi o caso.

Milhares de cidadãos desses países alistaram-se para o cumprimento do serviço militar em conformidade com os ideários políticos e as culturas políticas e ideológicas de cada Estado. Por força das ideologias de Estado, milhares de angolanos pereceram nos campos de batalha. O mesmo se passou com uns poucos cubanos. Será que esses patriotas deram as suas vidas devido às «guerras por procuração»? Será que as suas convicções se baseavam nos sustentáculos das «guerras por procuração»? (In Jornal de Angola, 2018).

Prosseguindo a presente reflexão, também é indispensável ver com profundidade a questão da cultura estratégica angolana e o modo da sua operacionalização. Os órgãos e as instituições nacionais responsáveis por isso, no seio do Estado, têm de acordar. Há que avançar, no entanto, para o terceiro e último ponto destas considerações.

Importância dos Estudos Estratégicos

Os estudos estratégicos são importantes, devendo as universidades, os centros de estudo, as escolas superiores, academias e os institutos nacionais ser responsáveis pela disseminação do conhecimento sobre a estratégia nacional e universal. Essas instituições têm de trabalhar para esse fim e a duas velocidades. Absorver o que é interno e externo do ponto de vista do conhecimento estratégico. Também têm de auxiliar o Estado a formular decisões acertadas e de impacto estratégico, porque a estratégica é abrangente e há muito que ela transpôs à esfera militar.

A cultura estratégica e os estudos estratégicos articulam-se com base no conceito operacional interdisciplinar e sistémico. Assim são valorizados os elementos culturais da política e geopolítica, o que permite considerar valores e padrões dos povos e das elites, tendo em vista o asseguramento das questões da defesa e segurança e a afirmação do Estado e da sua estratégia nacional.

Finalmente, estas são as minhas ideias a respeito da cultura estratégica e dos estudos estratégicos.